ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DA MÚSICA PARA PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN: Um relato de experiência no projeto de musicalização UP

Ana Paula Nascimento dos Santos
Universidade do Federal do Rio Grande do Norte
anapaulavocalize@gmail.com

Como citar este artigo?

SANTOS, Ana Paula Nascimento dos. Partituras em Braille: um levantamento de repositórios em formato digital. *In*: Encontro sobre Música e Inclusão, 11., 2024, Natal/RN, **Anais eletrônicos** [...]. Natal/RN: EMUFRN, 2024. Tema: Participação e responsabilidade coletiva para o fortalecimento da Inclusão e Acessibilidade. p. 69-81. Disponível em: https://ojs.musica.ufrn.br/emi.

RESUMO

O presente trabalho é um relato de experiência sobre o projeto Musicalização UP, desenvolvido pelo Setor de Musicografia Braille e Apoio à Inclusão (SEMBRAIN) da Escola de Música da UFRN. O projeto tem como objetivo proporcionar aulas de musicalização para crianças, jovens e adultos com Síndrome de Down, utilizando estratégias pedagógicas adaptadas para estimular o desenvolvimento cognitivo, motor e social dos alunos. A pesquisa, de abordagem qualitativa e classificada como estudo de caso, busca descrever as atividades realizadas em 2023 e refletir sobre a eficácia das estratégias aplicadas. As aulas foram organizadas em duas turmas, sendo a primeira composta por crianças a partir de cinco anos e a segunda por jovens e adultos a partir de 12 anos. Entre as metodologias utilizadas, destacam-se a repetição estruturada, a exploração sonora do ambiente, o uso de recursos visuais e a adaptação de materiais didáticos, como o sistema Chrome-Note para ensino de notas musicais. Os desafios enfrentados incluíram a baixa assiduidade dos alunos mais jovens e a dificuldade de coordenação motora e precisão rítmica na execução musical. Para superar essas barreiras, foram adotadas estratégias como flexibilização do ambiente de aula, uso de atividades lúdicas e estímulo à participação coletiva. Os resultados indicam avanços significativos no desenvolvimento musical, motor e social dos alunos, evidenciando a importância da Educação Musical Inclusiva. O estudo reforça a necessidade de maior preparo prático na formação docente para atuar com alunos com deficiência, contribuindo para a construção de um ensino mais acessível e eficaz.

PALAVRAS-CHAVE

Síndrome de Down; inclusão; estratégias de ensino.

1 INTRODUÇÃO

Existem diversos questionamentos que surgem com frequência na mente de um aluno quando está se preparando para atuar como professor de música: Como vou ensinar? A quem vou ensinar? E claro, o porquê da escolha da carreira docente. No ano de 2002, ao presenciar a apresentação musical de um grupo de pessoas com deficiência visual tocando flauta, tomei conhecimento acerca do Projeto Esperança Viva. Este momento se tornou primordial na escolha da área de atuação que pretendo seguir como professora.

A educação no âmbito da inclusão vem crescendo, contudo, por mais que o curso de Licenciatura em Música ofereça disciplinas sobre a Educação Inclusiva, é pouco para que a formação docente prepare o profissional para a atuação no campo, pois ainda existe um déficit de conhecimento prático na experiência na Educação Musical para pessoas com deficiência.

> Comumente, tais professores possuem poucos subsídios acerca do ensino musical para deficientes visuais e para portadores de outras deficiências. Isto faz com que eles saiam em busca de meios que sirvam como fontes de referência aos seus trabalhos. Entretanto, eles rapidamente notam a carência desses recursos, o que os força a criar e desenvolver suas próprias estratégias de atuação junto aos alunos que tenham deficiência. (Bonilha, 2006. p 19).

Este trabalho se trata de um relato de experiência, de acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021), o relato pode ser advindo de diversos contextos acadêmicos, dentre eles projetos de extensão universitária. Portanto, possui capacidade de contribuição na produção de conhecimento, já que este está interligado com as vivências socioculturais e acadêmicas (Ibid, 2021). Do ponto de vista da natureza, pode-se considerar esta pesquisa como uma pesquisa aplicada, pois segundo Prodanov (2013, p. 51), esta pesquisa "objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos" e tem envolvimento de um contexto específico com interesses locais.

Quanto ao procedimento técnico, caracteriza-se como estudo de caso tendo em vista que "consiste em coletar e analisar informações sobre determinado indivíduo, uma família, um grupo ou uma comunidade, a fim de estudar aspectos variados de sua vida, de acordo com o assunto da pesquisa." (Prodanov, 2013, p. 60). Considera-se a abordagem qualitativa, possuindo o ambiente como fonte direta da coleta de dados e o processo como ponto central da abordagem (Prodanov, 2013, p. 70).

Este relato de experiência, possui como objetivo descrever a as ações vivenciadas no contexto do Musicalização UP, projeto de extensão do Setor de Musicografia Braille e

Apoio à Inclusão (SEMBRAIN), da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN), no ano de 2023, além de servir como ferramenta de reflexão e de pesquisa para realização de melhoria para as próximas aulas e elaboração de planos de aula. Certamente, o presente texto servirá de pesquisa para que se possa pensar em novas estratégias que poderão ser utilizadas nos próximos anos.

A música é uma poderosa ferramenta de inclusão e desenvolvimento para pessoas com síndrome de Down. No entanto, para garantir um aprendizado eficaz e significativo, é essencial adotar estratégias de ensino adaptadas às necessidades específicas desses alunos. Através da música, é possível estimular a comunicação, a coordenação motora, a socialização e a expressão emocional, tornando o aprendizado mais acessível e prazeroso.

Uma das principais estratégias de ensino na musicalização para pessoas com síndrome de Down é o ensino lúdico e interativo. Atividades que envolvem jogos musicais, percussão corporal e cantigas facilitam o engajamento e a compreensão dos conceitos musicais. Além disso, a repetição estruturada é uma técnica essencial, pois auxilia na memorização e no fortalecimento das conexões neurais, permitindo que os alunos assimilem melhor os conteúdos. Neste sentido, realizamos atividades que trabalharam os mesmos conteúdos musicais previstos em ambas as turmas tais, como: timbre, leitura musical não convencional, percepção, ritmo, duração e uso da voz trabalhando o canto.

Outro aspecto fundamental é a adaptação dos recursos didáticos. O uso de materiais visuais, como cartões coloridos, partituras simplificadas e gestos associados ao ritmo e à melodia, favorece a assimilação das informações. Além disso, é importante oferecer instrumentos musicais de fácil manuseio, que permitam a exploração sonora e incentivem a autonomia dos alunos.

Portanto, investir em estratégias pedagógicas adequadas no ensino de música para pessoas com síndrome de Down é fundamental para potencializar suas habilidades e garantir uma experiência enriquecedora e inclusiva. Com métodos adaptados e um ambiente acolhedor, a música se torna uma ferramenta poderosa de transformação e desenvolvimento.

O Programa Esperança Viva surgiu no ano de 2011 por iniciativa da Dra. Catarina Shin quando havia concluído seu mestrado na pesquisa na área de deficiência visual. Foi então iniciado o curso de extensão de flauta doce para pessoas com deficiência visual. Promovido por uma ação do Setor de Musicografia Braille e apoio à Inclusão (SEMBRAIN) da Escola de Música da UFRN.

> O Programa "Esperança Viva" foi criado a partir da necessidade de articulação dos projetos, ações e atividades da Escola de Música na área da acessibilidade e inclusão social que tem contribuído para o fortalecimento da política inclusiva da UFRN (Souza, 2019, n.p).

O SEMBRAIN oportuniza cursos de extensão, eventos, palestras, e outros eventos em prol da educação musical inclusiva para a comunidade externa e interna da UFRN. Os cursos de extensão se baseiam na musicalização para pessoas com deficiência, dentre eles: 1) Projeto Esperança Viva - Vivências Musicais, Teoria Musical, Musicografia Braille e Flauta Doce, 2) Música Sinalizante, 3) Projeto Som Azul – Musicalização para pessoas com autismo; 4) Musicalização UP - Musicalização pessoas com Síndrome de Down; 5) Coral ViVendo o Canto; 6) Orquestra Inclusiva de Violões; 7) Grupo Esperança Viva; 8) Banda Braille e 9) Aulas de violão.

2 MUSICALIZAÇÃO UP

O Projeto Musicalização UP desenvolve atividades com crianças, jovens e adultos com Síndrome de Down. As aulas acontecem semanalmente, com duração de uma hora nas instalações da EMUFRN e atua com duas turmas, a Turma 1 - Crianças a partir dos cinco anos de idade e Turma 2 - Jovens e adultos a partir dos 12 anos. Além das aulas, a equipe realiza reuniões de planejamento que objetiva fornecer feedback das aulas ministradas e a organização das próximas aulas e atividades a serem desenvolvidas.

2.1 Turma 1

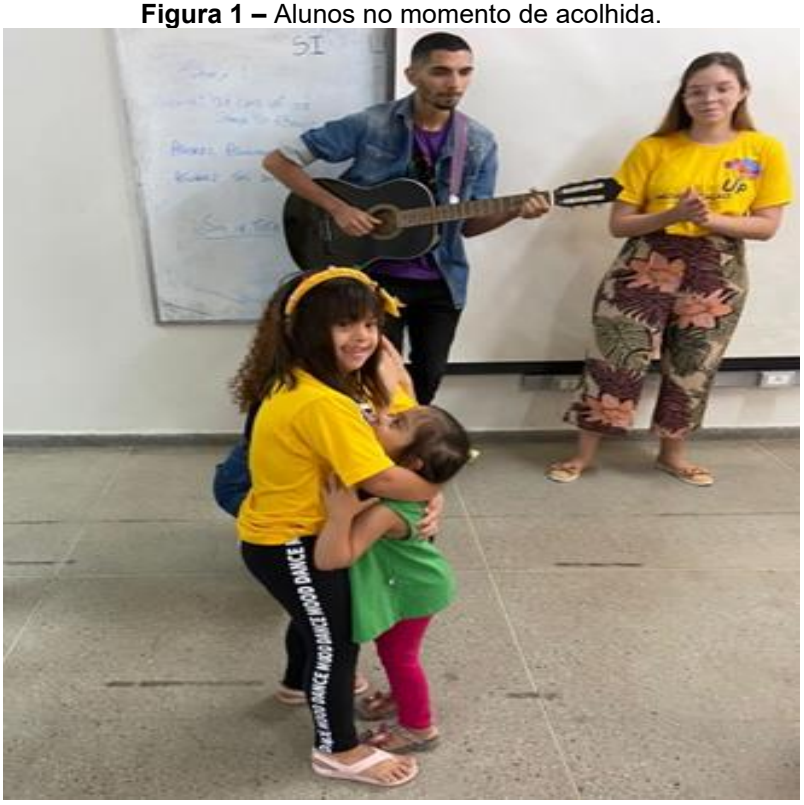
A turma 1 trabalha com crianças a partir dos 5 anos de idade, cada uma com sua particularidade. Umas que são mais agitadas, outras mais tímidas, mas que participam das aulas do seu jeito. As aulas sempre começavam com a acolhida, de acordo com Feres (2000), o canto de entrada deve ser sempre o mesmo, tanto para indicar que a aula começou quanto para as boas-vindas, porém nesses momentos as crianças não socializam entre si, apenas com os monitores. Alguns eram mais apegados a um monitor específico e como havia um déficit de frequência dos alunos, a turma, muitas vezes, tinha mais monitores que alunos.

Tendo isso em vista, acrescentamos uma nova música com o intuito de fazer com que os discentes socializarem entre si. Além disso, a canção trabalhava pulsação,

lateralidade, linguagem e memorização, pois para pessoas com Síndrome de Down, é importante que esses estímulos sejam trabalhados por diversas vezes.

> É essencial que desde a infância a criança seja estimulada pedagogicamente, com atividades que enfatizem aspectos cognitivos como: percepção, atenção, memória e linguagem. Pois ao contrário das crianças comuns, as crianças com síndrome de Down nascem com limitações em suas funções psicológicas inferiores (atenção, percepção e sensação). Tais limitações levam as mesmas a terem reações mais lentas aos estímulos, ocasionando um contato menos direto com o meio ambiente e, consequentemente, dificultando a relação e a exploração do mesmo. (Pacheco; Oliveira, 2011. p.05)

Figura 1 – Alunos no momento de acolhida.



Fonte: Arquivo da autora.

[Início da descrição] Imagem colorida em formato retrato. Quatro pessoas na imagem sendo duas pessoas adultas ao fundo. Uma com tocando o violão e outra batendo palmas. a frente deles duas crianças se confraternizando, abraçadas. [Fim da descrição].

Figura 2 – Alunos no momento de acolhida com monitores.



Fonte: Arquivo da autora.

[Início da descrição] Imagem colorida em formato retrato. Monitora cumprimentando de frente a aluna no momento acolhida. Cinco pessoas na imagem sendo duas alunas e três monitores Uma monitora cantando enquanto acontece o cumprimento ao fundo. [Fim da descrição]

Outro ponto importante é que os ambientes das aulas não se restringem unicamente à sala de aula, ao abordar a temática da primavera, exploramos o ambiente externo de tal forma que o processo de ensino pudesse ser mais significativo, oferecendo diversas contribuições para o desenvolvimento musical dos alunos. Nesse momento, se tornou possível explorar os sons do ambiente como vento, árvores, as folhas que eram pisadas e reproduzir o som com a voz estimulando a percepção auditiva e a fala, trazendo a proposta de "paisagem sonora" de Murray Schafer (1997), a paisagem sonora representa o ambiente sonoro de um local, composto por sons de animais, máquinas, carros, pássaros, músicas e uma infinidade de ruídos que caracterizam cada espaço.

Figura 3 – Alunos e monitores explorando os sons da natureza



Fonte: Arquivo da autora.

[Início da descrição] Imagem colorida em formato paisagem. Alunos e monitores sentados em círculo na grama, parte externa da sala de aula. Ao fundo, várias árvores e plantas. Uma monitora fora da roda, de pé ao lado de um cajueiro e mais atrás, duas mães que acompanhavam a atividade na parte externa. [Fim da descrição]

Figura 4 – Alunos e monitores em sala de aula mostrando o resultado da atividade do ambiente externo.



Fonte: Arquivo da autora.

[Início da descrição] Imagem colorida em formato paisagem. Alunos e monitores, na sala de aula. Uns monitores de pé segurando um painel com desenho criado pelos alunos e outros alunos e monitores sentados no chão em semicírculo. Ao fundo, armários coloridos e cadeiras. [Fim da descrição]

Dentro da mesma perspectiva de trabalho em relação a primavera, foi apresentamos aos alunos o compositor Vivaldi onde eles puderam aprender sobre a vida e obra do compositor através de uma contação de história com recursos visuais. Trabalhamos com fantoches baseado na proposta feita na semana pedagógica onde tivemos a oficina sobre o assunto. Os alunos puderam conhecer e apreciar um novo instrumento que foi o violino. No segundo momento de aula, fizemos uma atividade que envolvia movimento, corpo e que indiretamente remetia as propriedades do som que a música a primavera apresentava tais como: O som do violino na parte mais aguda, o movimento era para cima, no som mais grave o movimento era para baixo, no som mais fraco movimentávamos as fitas com menos intensidade e assim por diante.

Figura 5 – Alunos apreciando a história cantada sobre Vivaldi.



Fonte: Arquivo da autora.

[Início da descrição] Imagem colorida em formato paisagem. Alunos e monitores, na sala de aula. Alunos sentados e a sua frente a monitora de pé contando uma história com fantoches na mão. [Fim da descrição]

2.2 Turma 2

A turma trabalha com jovens e adultos, cada um também com suas particularidades. Uns apresentam desenvolvimento maior da fala e outros que ainda não são verbais. A turma tem uma assiduidade maior e participação também. É notório que alguns alunos apresentam mais iniciativa em participar das aulas e outros que são mais reservados, no entanto executam as tarefas muito bem. A rotina seguia com o mesmo padrão da turma 1 com acolhida utilizando canções de socialização e em seguida apresentação do conteúdo e, para finalizar, canção de despedida.

Desde o início do ano, trabalhamos as notas musicais Dó, Ré, Mi e Fá. Em 2023.1 utilizamos as notas por meio das cores do Sistema Chrome-Note. sistema que utiliza o padrão diatônico cor-música (Jameson, 1844). Colamos cartelas coloridas nas teclas do xilofone e ao invés de falar o nome da nota, falávamos a cor que deveria ser tocada. Já no segundo semestre, estimulamos a fala com o nome de cada nota e o registro sonoro. Outro ponto importante é que trabalhamos o canto como forma de trabalhar o desenvolvimento da fala cantando as notas que eles já estavam aprendendo. Com a canção dó, ré, mi uma versão em português da noviça rebelde, trabalhamos os nomes das notas e altura estimulando sempre o canto já que a maioria dos objetivos nas aulas era de estimular a fala.

Figura 6 – Alunos e monitores em sala de aula trabalhando as notas musicais através da exploração do corpo



Fonte: Arquivo da autora.
[Início da descrição] Imagem colorida em formato paisagem. Ao fundo, um quadro branco e uma tela de projeção. Monitores de frente para os alunos executando a altura das notas musicais através das partes do corpo. [Fim da descrição]

Embora haja certa facilidade em executar tarefas, a fala era menos explorada e por esta razão, neste semestre, exploramos mais a fala e o canto. Sabe-se que pessoas com Síndrome de Down possuem dificuldade na fala devido à hipotonia, ou seja, tem uma musculatura da face mais fraca, podendo dificultar o desenvolvimento da fala e a comunicação oral.

> A hipotonia está presente em quase todos os portadores da SD, ela é considerada como o baixo tônus dos músculos, tornando os membros

> facilmente de serem articulados, que também causa a diminuição do movimento passivo, dentre outras características (Silva; Zuntini, 2019, n.p).

Ademais, outro ponto de grande importância trata-se da precisão rítmica, que devido a hipotonia, os movimentos são prejudicados. Devido a isso, estimulamos essa área por meio de atividades utilizando o xilofone e trabalhamos com a utilização de baquetas nas duas mãos para que os movimentos sejam estimulados dos dois lados.

2.3 Desafios e soluções encontradas

Na turma 1, o maior desafio encontrado referiu-se à assiduidade das crianças, muitas vezes, por questões de saúde, faltavam e por muitas vezes a aula era feita com dois ou três alunos e muitos monitores. Além disso, alguns educandos apresentavam resistência para entrar na sala de aula. Embora isso acontecesse com certa frequência, sempre buscávamos alternativas para que os alunos pudessem participar sem forçar. Certa vez, um aluno estava do lado de fora e não queria participar da aula, então, abrimos as portas e começamos a acolhida do lado de fora para que o aluno participasse. Com o passar do tempo, ele se sentiu mais confiante e entramos na sala

Na turma 2, um dos desafios era em relação à execução das músicas com o xilofone. Pois os alunos além de utilizarem apenas uma mão, não possuíam muita precisão rítmica, o que dificultava no resultado da atividade proposta. Segundo Matero e Ilari (2012), o instrumento "Inicia-se com as duas mãos simultaneamente, sempre observando a altura das mãos e dos braços, a distância em relação ao instrumento e a precisão equilibrada do toque em ambas as mãos". Elas apresentam o método criado por Carl Orff que fala sobre como deve ser utilizado os instrumentos de plaquetas e acredito que antes de passar para os alunos, deveríamos conhecer a forma correta de utilizar pois na maioria das vezes, os alunos não entendiam o comando dado pelo professor, causando muita confusão e até a atividade se tornava cansativa de executar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, na maioria dos alunos, um grande desenvolvimento de autonomia em relação a suas habilidades motoras, cognitivas e, principalmente, musicais. Fazendo com que eles apresentem mais facilidade em executar as atividades propostas.

Ao longo do semestre, foram realizados atividades, planejamentos e reuniões que facilitaram o processo de aprendizagem, em especial na área da Educação Inclusiva. Através das observações realizadas, tornou-se possível perceber as dificuldades e a maneira correta de como agir em casos que precisassem de uma ação estratégica. Embora não exista uma receita pronta ou um livro com regras para que o desenvolvimento da prática docente inclusiva seja realizado com sucesso. É necessário estudo e no programa esperança viva encontramos oportunidade para experimentar, aprender e construir uma base sólida.

Dito isso, é possível perceber a importância de uma equipe pedagógica que esteja pronta para ajudar orientar e trazer desafios que enriqueçam nosso aprendizado. Torna-se evidente a importância do planejamento e da preparação dos monitores para que as aulas ministradas possam ser conduzidas de forma eficiente e eficaz, pois não adianta ministrar um conteúdo e não conseguir alcançar o objetivo proposto por falta de estratégias condizentes com a realidade do aluno.

Diante disso, percebe-se a relevância de refletir sobre o que é feito e como é realizado a Educação Musical Inclusiva e a importância que ela traz a sociedade, pois podemos ver nas famílias dos alunos, dos próprios alunos o quão se faz necessário que seja trabalhada e discutida e ampliado a pratica docente no âmbito da inclusão. Espera-se que com essa experiência compartilhada, seja possível ampliar o horizonte de conhecimento e que docentes despertem para a importância de uma vivência prática na área, indo além da teoria. Favorecendo assim a formação de futuros graduados e licenciados em música.

REFERÊNCIAS

BONILHA, Fabiana Fator Gouvêa. **Leitura musical nas pontas dos dedos**: caminhos e desafios do ensino da musicografia Braille na perspectiva de alunos e professores. 2006. 233 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes. Campinas, SP: [*s.n.*], 2006. Disponível em: https://hdl.handle.net/20.500.12733/1602372. Acesso em: 13 nov. 2024.

FERES, Josette S. M. Bebê: **Música e movimento**: orientação para musicalização infantil. Jundiaí, SP, 1998

JAMESON, D. D. **Colour-Music.London**: Smith, Elder & Co., 1844.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010. Acesso em: 30 jan. 2025.

PACHECO, Wellem dos Santos; OLIVEIRA, Marinalva Silva. Aprendizagem e desenvolvimento da criança com síndrome de Down: representações sociais de mães e professoras. **Ciências & Cognição**, v. 16, n. 3, 2011. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-58212011000300002&script=sci_arttext. Acesso em 13 nov. 2024.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. *E-book*. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=zUDsAQAAQBAJ&lpg=PA13&ots=dc11ggwaDM&dq=info%3A0x5-9P1eCQ8J%3Ascholar.google.com&lr&pg=PA1#v=onepage&q&f=false. Acesso em 13 nov. 2024.

SCHAFER, M. **A afinação do mundo**. Tradução de M.T. Fonterrada São Paulo: Unesp, 2001.

SILVA, Mariane Novais da; ZUNTINI, Ana Carolina Siqueira. **Treinamento resistido no controle da hipotonia em pessoa com síndrome de Down**: um estudo de caso. Disponível em: www.italo.com.br/portal/cepep/revista eletrônica.html. São Paulo SP, v. 9, n. 1, p. 28-49, jan., 2019. Acesso em: 13 nov. 2014.